

# Variação na expressão do tempo verbal passado na fala e escrita de Itabaiana/SE: formas de pretérito imperfeito e perífrase na expressão do passado em curso<sup>1</sup>

A. S. Araujo & R. M. Ko. Freitag

*Grupo de Estudos Linguagem, Interação e Sociedade, Universidade Federal de Sergipe, 49500-000, Itabaiana-SE, Brasil*

*andreialuzinete@hotmail.com*

*(Recebido em 31 de agosto de 2010; aceito em 20 de dezembro de 2010)*

Este estudo investiga os fatores e os contextos que levam a variação entre as formas de pretérito imperfeito (IMP) e perífrase (PPROG) na expressão do passado em curso na modalidade de língua falada e escrita de Itabaiana/SE. Adotamos a orientação Funcionalista, articulada com a Sociolinguística, abordagem que tem sido denominada de *sociofuncionalista*. O *corpus* é formado pelas amostras: *Entrevistas Sociolinguísticas* e *Fala & Escrita*. Coletamos 637 ocorrências da função - 541 de IMP e 96 de PPROG - submetidas à análise estatística do programa GOLDVARB X. Foram controlados fatores sociais e linguísticos. Os resultados apontam que não são motivações externas que influenciam a variação entre as formas, mas sim motivações internas, de natureza semântico-cognitiva, que são estáveis nas diferentes comunidades de fala de uma dada língua.

Palavras-chave: Variação, passado em curso, categorias verbais.

This paper focuses the factors and contexts which constrain the variation between the preterito imperfeito (IMP) and periphrasis (PPROG) forms imperfective past in Itabaiana's spoken and written language. We adopt the functionalist and sociolinguistic theories, combined in sociofunctionalist approach. The corpus is formed by Sociolinguistic Interviews and Spoken&Written samples. We collected 637 occurrences (541 of IMP and 96 of PPROG), analyzed by statistical program GOLDVARB X. We control social and linguistic factors. The result points that aren't the external motivations that constrain the variation between the forms, but the internal motivations, from semantic-cognitive nature, which are stable in different speech communities of a language.

Keywords: Variation, imperfective past, verbal categories.

## 1. INTRODUÇÃO

Em português, a função para expressar o passado imperfectivo (passado em curso) pode ser atribuída a (pelo menos) duas formas: pretérito imperfeito do indicativo (IMP) e a perífrase (PPROG)<sup>2</sup> - construção formada pelo verbo estar flexionado no pretérito imperfeito do indicativo e o verbo no gerúndio (estarIMP + gerúndio). Este fenômeno está intimamente ligado à expressão linguística do tempo. Em português, a referência ao tempo conta com duas categorias linguísticas para sua expressão: a categoria de Tempo e a categoria de Aspecto. Estas duas categorias são bastante complexas e possuem pontos em comum, o que dificulta diferenciar uma da outra [1]. Estas podem ser distinguidas tomando como base o “ponto de vista semântico, basicamente a partir da concepção do chamado tempo interno (o Aspecto) diferente do tempo externo (o Tempo)” [1]. Em relação a este último, a autora afirma que as noções envolvidas são presente, passado, futuro e suas subdivisões – ou seja, “dizem respeito à localização do fato enunciado relativamente ao momento da enunciação. Já as noções semânticas do âmbito do Aspecto são as noções de duração, instantaneidade, começo, desenvolvimento e fim” [1]. Vejamos o exemplo a seguir:

<sup>1</sup> O presente estudo é resultado do desenvolvimento do plano de trabalho do projeto intitulado “Variação na expressão do tempo verbal passado na fala e escrita de Itabaiana/SE: formas e funções concorrentes” fomentado pela FAPITEC (Edital FAPITEC/FUNTEC-SE Universal 06/2009 Processo n. 019.203.009/10/2009-0) e CNPq (Edital MCT/CNPq/MEC/CAPES 02/2010 – Ciências Humanas, Sociais Aplicadas Processo n. 401564/2010-0), e coordenado pela Profa. Dra. Raquel Meister Ko. Freitag.

<sup>2</sup> Utilizamos a sigla IMP para representar o pretérito imperfeito e PPROG para nos referir às perífrases.[5]

- (1) Foi no dia que Emília ... Emília aqui ... foi ... escondeu meu caderno no ônibus aí eu entrei no ônibus já tava na hora de descer né? aí eu fiquei desesperada porque eu não *encontrava* meu caderno. (F9\_2)<sup>3</sup>

Em (1), a situação *encontrava* é anterior ao momento de fala e ocorre simultaneamente a um ponto de referência, que, neste caso, é marcado pelo adjunto adverbial “*foi no dia*”, apresentando-se a situação como em andamento em relação a este ponto de referência, função denominada de passado imperfeito. “O passado imperfeito é um valor semântico-discursivo que se caracteriza por expressar uma situação que apresenta as seguintes propriedades: i) É anterior ao momento da enunciação; ii) É concomitante a outra situação que se torna seu ponto de referência; iii) Apresenta-se como em andamento em relação ao ponto de referência.” [2].

Quanto ao aspecto da referência, tem-se em (1) o perfeito, uma vez que o falante deixa claramente explícito que a situação ocorreu em um dia determinado, por conta do ponto de referência.

No processo de comunicação verbal as formas de IMP e PPROG podem ser intercambiáveis em contextos específicos permanecendo o mesmo valor de uso. Dito de outra maneira, a função referente à expressão do passado imperfeito pode ser desempenhada por (pelo menos) duas formas distintas - *IMP* e *PPROG* [2]. Para evidenciar tal afirmação, analisemos o seguinte exemplo:

- (2) Inclusive conversei com alguns amigos meus que trabalham no escritório tal tudo e me ajudaram só a firmar mesmo... que o curso era aquilo mesmo que eu já *estava esperando* já não foi surpresa não porque eu já sabia... o que o que eu ia ter pela frente. (se ita mb lq 01)<sup>4</sup>

Em (2), o falante se valeu da forma PPROG, a qual está destacada, para expressar uma situação de passado em andamento, mas poderia também ter usado a forma de pretérito imperfeito (IMP). Dessa forma, percebe-se que a forma PPROG *estava esperando* pode ser substituída pela forma IMP *esperava* sem que haja alteração de sentido, tratando-se, portanto, de um indício de que essas formas estejam sofrendo um processo de variação, como podemos observar a seguir no excerto reescrito em (3):

- (3) Inclusive conversei com alguns amigos meus que trabalham no escritório tal tudo e me ajudaram só a firmar mesmo... que o curso era aquilo mesmo que eu já *esperava* já não foi surpresa não porque eu já sabia... o que o que eu ia ter pela frente.

Assim, tomando por base as considerações apresentadas do fenômeno linguístico em estudo, o que se propõe realizar, neste trabalho, é prover uma análise para explicar a alternância entre as formas de pretérito imperfeito (IMP) e perífrase (PPROG) na expressão do passado em curso na modalidade de língua falada e escrita de Itabaiana/SE. Em outras palavras, o nosso objetivo geral constitui-se em investigar e descrever os fatores e os contextos que levam a variação entre estas duas formas. Trata-se de um estudo bastante complexo uma vez que envolve valores internos, ou seja, envolve noções semântico-cognitivas, merecendo, desta forma, um estudo aprofundado uma vez que não há estudos nesta perspectiva no agreste sergipano.

Para guiar a análise, adotamos os pressupostos teóricos da Sociolinguística Variacionista [3] [4] – os quais podem ser articulados com as teorias Funcionalistas de linha norte-americana, abordagem que tem sido denominada de **Sociofuncionalista** [15].

Durante o desenvolvimento desta pesquisa coletamos dados de fala e escrita de informantes itabaianenses como *corpus* para a análise do fenômeno. A coleta segue a metodologia da

<sup>3</sup> A sigla refere-se à identificação das entre vistas do banco de dados *Fala & Escrita*. A primeira letra refere-se ao sexo do informante (F para feminino e M para masculino). Em seguida temos a identificação da escolarização (6 para 6º ano; 7 para 7º ano; 8 para 8º ano e 9 para 9º ano) e o número refere-se a quantidade de indivíduos por série e sexo.

<sup>4</sup> A sigla refere-se à identificação da entrevista. As duas primeiras letras referem-se ao estado (Sergipe) e as três letras seguintes à cidade (Itabaiana). A sigla seguinte informa o sexo do informante (F para feminino e M para masculino), a faixa etária (P para 16 a 20 anos e B para 26 a 35 anos), tempo de escolarização (S para nível superior completo e B para nível superior incompleto) e tipo de registro (Q para a fala e E para escrita). Os números referem-se à identificação do informante.

sociolinguística variacionista [3] [4], com base no que tem sido feito pelo VARSUL (Variação Linguística Urbana na Região sul do Brasil) e pelo VALPB (Variação Linguística no Estado da Paraíba). O *corpus* ficou constituído por dois tipos de banco de dados os quais estão vinculados ao Grupo de Estudos Linguagem, Interação e Sociedade – GELINS: *Entrevistas Sociolinguísticas e Fala & Escrita*. Os dados coletados foram submetidos à análise estatística do programa GoldVarb X [12] após subcategorização. Foram constatadas 637 ocorrências de passado em curso no *corpus* em análise, das quais 541 ocorreram na forma de IMP e as demais na forma de PPROG.

Para encaminhamento da análise, organizamos textualmente este trabalho em seis seções. Primeiramente, temos a introdução na qual fizemos uma contextualização do que se trata o nosso estudo. Na segunda, apresentamos algumas considerações sobre o estudo da variação linguística e, em seguida, na terceira seção, discorremos sobre as formas verbais de pretérito imperfeito (IMP) e perífrase (PPROG). A quarta seção é dedicado aos procedimentos metodológicos seguidos no desenrolar desta pesquisa. Na sequência, na quinta seção, discorremos sobre os resultados obtidos a partir da análise e discussão das formas de IMP e PPROG na expressão do passado em curso na fala e na escrita de Itabaiana/SE. Por fim, apresentamos as considerações finais.

## 2. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O ESTUDO DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

Esta investigação está situada no âmbito da Sociolinguística, ramo da Linguística que estuda a relação entre a língua e a sociedade. Seu principal objetivo é analisar o vernáculo de uma comunidade de fala, em outras palavras, “o momento em que o mínimo de atenção é prestado à língua” [3] pelo falante ao enunciá-la. É justamente esse contexto de análise que interessa a Sociolinguística – o contexto em que o falante fala o seu vernáculo –, ou seja, com o menor monitoramento possível como, por exemplo, uma conversa com amigos.

Seguimos os pressupostos teóricos da Sociolinguística Variacionista [4] [3], os quais podem ser articulados com as teorias Funcionalistas de linha norte-americana (com especial atenção às propostas de Talmy Givón), abordagem que tem sido denominada de **Sociofuncionalista**. Adotamos este embasamento teórico por estas teorias unirem a constituição de significados e funções ao contexto nos quais as formas se encontram, contribuindo, assim, para a nossa investigação. Apresentamos, nas subseções a seguir, uma visão geral de ambas na primeira e segunda seção, respectivamente.

### 2.1. A SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA

Na década de 1960, mais especificamente, em 1964, o americano William Labov realizou um estudo sobre a estratificação social da realização do /r/ no inglês em Nova York, a partir do qual definiu um modelo teórico-metodológico de análise. Este modelo consistia em descrever e interpretar o fenômeno linguístico no contexto social, que ficou conhecido como Sociolinguística Variacionista ou Teoria da variação [3].

A Sociolinguística Variacionista estuda os padrões sistemáticos da variação na sociedade, ou seja, estuda a estrutura e a evolução da língua dentro da comunidade de fala, buscando as causas da variedade da própria mudança linguística. Em outras palavras, busca detectar os fatores linguísticos e sociais que delimitam os contextos de usos e a escolha de cada forma, através da observação de elementos – como as formas de IMP e PPROG – como variantes de uma mesma variável linguística. O seu objeto de estudo é justamente “a língua tal como é usada na vida diária por membros da ordem social, este veículo de comunicação com que as pessoas discutem com seus cônjuges, brincam com seus amigos e ludibriam os seus inimigos” [3].

Em uma comunidade de fala é comum encontrarmos formas linguísticas em variação uma vez que estas mudam gradual e continuamente. A heterogeneidade e a variabilidade são características inerentes da língua, ou seja, não são imotivadas e nem ocorrem ao acaso, mas sim regidas por regras, as quais são variáveis [4]. A mudança na língua pode ser dividida em três etapas: i. o falante aprende uma forma alternativa para uma variável linguística; ii. O tempo em

que às duas formas coexiste; iii. [2] O tempo em que uma das formas torna-se obsoleta: para que haja a mudança é necessário que duas ou mais formas concorram durante um tempo, já que a mudança pressupõe a existência de um período de variação.

Nesse sentido, cabe aqui citar o conceito de variável e variante linguísticas. “Variantes linguísticas são diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade. A um conjunto de variantes dá-se o nome de ‘variável linguística’”. [5] No entanto, é importante ressaltar que para ocorrer mudança não é necessário que haja variação, pois “nem toda variabilidade e heterogeneidade na estrutura linguística envolve mudança, mas toda mudança envolve variabilidade e heterogeneidade” [4]

Segundo o precursor desta teoria, Willian Labov [3], para observar a mudança linguística subjacente a fenômenos variáveis, há duas possibilidades: a) mudança em tempo real: verificada através da comparação entre dados de fala atuais e de outras épocas (décadas, anos atrás); b) mudança em tempo aparente: percebida pelo confronto do uso do fenômeno em estudo entre as diferentes gerações (jovens, adultos, idosos). Sendo assim, as formas mudam gradual e continuamente, podendo assumir múltiplos lugares o que faz crescer as possibilidades de termos várias formas competindo pelas mesmas funções. Ou melhor, duas ou mais formas passam atuar na mesma função, ocasionando assim, o processo de gramaticalização.

A partir desta perspectiva teórica, investigamos como ocorre o fenômeno da variação entre as formas de IMP e PPROG na expressão do passado em curso na fala e na escrita de falantes itabaianenses.

## 2.2. FUNCIONALISMO LINGÜÍSTICO

De acordo com a visão funcionalista “a língua muda e se molda a partir de pressões funcionais/adaptativas, exercidas durante a performance linguística, ou seja, no momento em que a língua é adquirida e onde a gramática emerge e muda” [6]. Em outras palavras, a língua é entendida como instrumento de interação social por meio da qual o falante desenvolve competência comunicativa voltada para o processamento da informação e estabelecimento da comunicação. A variação e a indeterminação de partes do discurso é que acabam por moldar e remodelar a própria competência linguística mesmo ocorrendo no momento da performance.

Além disso, na perspectiva funcionalista, a gramática não é vista como um conjunto rígido de regras que podem ser colocadas em certa ordem de modo a produzir sentenças gramaticais, mas sim entendida como um sistema adaptativo, emergente, cujas regras são motivadas no contexto comunicativo, baseadas em estratégias e princípios de uso. Nesse sentido, a linguagem da gramática funcional é compreendida como instrumento funcional e dinâmico. Funcional, pelo fato de estar preocupada com a funcionalidade do sistema linguístico dentro da situação comunicativa. E dinâmica, por admitir que a relação estrutura-função pode ser mudada devido às pressões comunicativas. Ou seja, para os funcionalistas, “a gramática não é um organismo autossuficiente gerado por fatores cognitivos inatos, como querem os gerativistas, mas uma consequência de padrões que se estabelecem no uso” [7].

Sendo assim, o funcionalismo está voltado à língua em uso, destacando a associação entre a gramática e o discurso. A gramaticalização e a discursivização são dois processos especiais de mudança linguística que ocorrem em níveis diferentes. O primeiro é definido como “Uma manifestação do aspecto não estático da gramática, uma vez que ela demonstra que as línguas estão em constante mudança em consequência de uma incessante busca de novas expressões e que, portanto, nunca estão definitivamente estruturadas” [7]. Em relação à discursivização, esta é definida como o processo que uma unidade lexical ou gramatical assume uma função não gramatical, deixando de obedecer a restrições sintáticas e passando a cumprir restrições pragmáticas e interativas.

O funcionalismo organiza-se em torno de dois princípios básicos: os da iconicidade e o da marcação. [6] O primeiro caracteriza-se pela existência de uma relação não arbitrária entre forma (código) e função (mensagem) na língua. Interessa-nos, para esta análise, o princípio da marcação.

O princípio da marcação é tratado para além da fonologia [6]. Este princípio “fundamenta a gramática das línguas, por estar associado com a tendência comunicativa à economia e à ordem

cognitiva do processamento das informações” [6]. Três critérios definem o que é marcado ou não marcado:

- a) **Complexidade estrutural** – a forma marcada tende a ser mais complexa (ou maior) que a correspondente não marcada, ou seja, a estrutura não marcada tem menor número de morfemas, ou menos massa fônica, em relação à marcada;
- b) **Distribuição de frequência** - a forma marcada tende a ser menos frequente e, por isso, mais saliente cognitivamente, que a correspondente não marcada;
- c) **Complexidade cognitiva** – a forma marcada tende a ser cognitivamente mais complexa, em termos de esforço mental, demanda atenção ou tempo de processamento, que a não marcada. [6]

No caso do fenômeno em estudo, a forma de IMP é menos marcada, de acordo com tal princípio, uma vez que esta é menos complexa, ou seja, possui uma estrutura mais simples, demandando um menor esforço mental, e também é mais frequente na comunicação. Já a forma PPROG é mais complexa (constituída por auxiliar + forma nominal de gerúndio), caracterizando-se, portanto, como uma forma marcada. Entretanto, essa menor complexidade estrutural que caracteriza o IMP é equilibrada, “por sua recorrência em contextos mais complexos; o mesmo pode ser dito de PPROG, forma estruturalmente mais complexa, mas sem a contraparte de complexidade cognitiva, pois a complexidade estrutural é compensada pela recorrência em contextos menos complexos” [2].

Enfim, adotamos o embasamento teórico Funcionalista, articulado com a sociolinguística – derivando aquilo que vem sendo chamado na literatura de **sociofuncionalismo** [8] – para lidar com as formas de IMP e PPROG na expressão do passado em curso por acreditarmos que os aspectos variáveis das línguas podem contribuir para a mudança linguística. E por estas teorias unirem a constituição de significados e funções ao contexto nos quais as formas se encontram, podem contribuir dessa forma, para nossa investigação.

### 3. NOÇÕES DE TEMPO E ASPECTO ASSOCIADAS AO PASSADO IMPERFECTIVO

“Há uma teoria de espaço e tempo embutida na maneira como usamos as palavras” [9]. Dessa forma, torna-se imprescindível realizarmos uma reflexão acerca do tempo uma vez que o estudo a que se propõe esta pesquisa é investigar os contextos e fatores que levam o falante a escolher uma forma IMP ou PPROG para desempenhar a mesma função está intimamente ligado à expressão linguística do tempo cronológico. Em português, a referência ao tempo cronológico conta com duas categorias linguísticas para sua expressão: a categoria de Tempo e a categoria de Aspecto. [1] Estas categorias são bastante complexas e possuem pontos em comum, o que muitas vezes dificulta diferenciar uma da outra. Podemos distingui-las tomando como base o “ponto de vista semântico, basicamente a partir da concepção do chamado tempo interno (o Aspecto) diferente do tempo externo (Tempo)”. [1] “As noções semânticas do âmbito do Tempo dizem respeito à localização do fato enunciado relativamente ao momento da enunciação; são, em linhas gerais, as noções de presente, passado e futuro e suas subdivisões. Já as noções semânticas do âmbito do Aspecto são as noções de duração, instantaneidade, começo, desenvolvimento e fim “[1].

Dessa forma, podemos dizer que, dentro do sistema linguístico, o tempo verbal trata-se de uma estratégia para codificar situações ligadas à noção de estado, processo e ação. os tempos verbais são determinados através de três momentos: momento do evento; momento da fala e o momento de referência [2]. O primeiro é definido como “o momento em que se dá o evento descrito; é o tempo da predicação” [1]. Já o segundo, é caracterizado como “o tempo da enunciação”, ou seja, “o momento da realização da fala”. Este momento também é chamado de ponto de fala ou ato de fala. E o momento de referência ou ponto de referência, “é o sistema temporal fixo com respeito ao qual se definem simultaneidade e anterioridade; é a perspectiva de tempo que o falante transmite ao ouvinte para a contemplação do ME” [1]. Cabe ressaltar que “quando não há referência contextualmente explícita, o momento de fala torna-se o momento de referência” [2].

Conforme relatamos, no sistema linguístico do português, podemos descrever três tempos a partir do momento da enunciação. Estes são chamados de tempos absolutos, ou seja, indicam “que o ponto de referência para a localização da situação/evento por ele expresso é um ponto dado pelo contexto, não necessariamente o momento presente” [2]. Vejamos o diagrama da figura 1

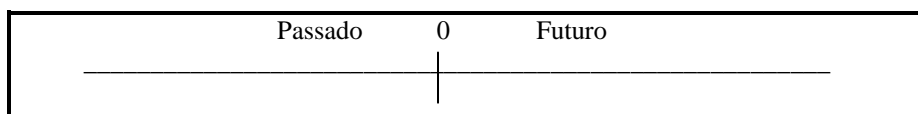


Figura 1: Representação do tempo[5~]

No diagrama acima, estão representados os três tempos citados. O centro do diagrama marca o presente, caracterizado como o momento da fala, que os tempos absolutos o tomam como “centro dêitico do sistema temporal” [2]. A partir deste é que podem ser estabelecidas as outras duas dimensões temporais. Quando a situação ocorre à esquerda do ponto dêitico, esta é denominada como passada, se ocorrer à direita, a marca temporal é caracterizada como futuro. Portanto, estes três tempos verbais são estabelecidos através das relações de simultaneidade, anterioridade e posterioridade. Nessa perspectiva, podemos definir o tempo nos termos de Costa [1] “o Tempo é uma categoria que marca na língua, através de lexemas, de morfemas, de perífrases, a posição que os fatos referidos ocupam no tempo, tomando como ponto de partida o ponto-dêitico da enunciação”.

Dentre os tempos verbais em português – pretérito, presente e futuro – as formas de pretérito são consideradas como aquelas que refletem mais objetivamente o mundo pelo fato de se referirem a situações já passadas, anteriores ao momento da fala, ou melhor, por serem utilizadas “para relatar eventos, estados ou processos já acontecidos e, por isso, percebidos como mais ‘reais’ por qualquer observador” [3].

Os tempora do pretérito em português são tradicionalmente subdivididos em três – perfeito, imperfeito e mais-que-perfeito. [3] No caso desta investigação, interessa-nos apenas o tempora de pretérito imperfeito. “A função de expressar o passado imperfectivo no português pode ser atribuída a (pelo menos) duas formas: IMP e PPROG”. [2] A primeira é prototipicamente considerada no português a forma canônica, trata-se da forma simples para representar pretérito imperfeito. Já a forma PPROG também chamado de perífrase, é uma construção formada pelo verbo estar flexionado no pretérito imperfeito do indicativo e o verbo no gerúndio – estarIMP + gerúndio. Vejamos um exemplo desta última forma, em (4).

- (4) Eu *estava brincando* com os meus dois primos menores quando um primo maior do que eu me chamou para andar de bicicleta. (M6\_2)

Em (4), temos dois eventos: “*estava brincando*” e “*meu primo me chamar*” tanto um como o outro precedem o momento da fala, ou seja, acontecem no passado. Observe que o momento de referência evidenciado através da sentença “*quando um primo maior do que eu me chamou*” é simultâneo ao primeiro uma vez que temos a descrição de uma situação passada (o informante está relatando uma experiência pessoal) visto a partir de um ponto de referência, também no passado. Em outras palavras, para expressar uma situação ocorrida no passado o informante se põs “numa perspectiva também de passado para contemplar o evento na sua ocorrência” [3], fazendo assim, neste caso, uso do PPROG. Portanto, se fôssemos representar o passado imperfectivo utilizando a notação de Reichenbach [2], teríamos a seguinte representação lógica: ME, MR – MF; em que a vírgula representa simultaneidade temporal e o traço precedência temporal.

Já o Aspecto é uma categoria linguística que está relacionada ao tempo interno de uma situação. No entanto, nem sempre o falante marca seu enunciado aspectualmente, isto porque “a marcação de aspecto pode ser considerada como uma escolha estilística” [2], sendo que este só irá fazê-la se achar importante chamar a atenção do ouvinte para a constituição temporal interna da situação.

O Aspecto é definido como “a categoria linguística que informa se o falante toma em consideração ou não a constituição temporal interna dos fatos enunciados. Essa referência independe do ponto-dêitico da enunciação, visto que centra o tempo no fato e não o fato no tempo”. [1] Ou seja, Independe do ponto-dêitico pelo fato desta categoria não depender da localização do falante no momento da sua fala. A categoria aspectual no português está relacionada à expressão da duração. Por sua vez, esta expressão é manifestada pelos aspectos perfectivos e imperfectivos, no entanto delinaremos apenas sobre este último. [2]

“Uma situação imperfectiva é aquela em andamento em relação a um ponto de referência específico, seja presente ou passado” [2]. Em outras palavras, trata-se de um termo que revela a constituição temporal interna de uma situação que se desenvolve, ou melhor, que está em curso, que expressa uma das fases do tempo interno - começo, meio e fim – sem delimitar os pontos extremos, fazendo dessa forma, referência explícita a constituição interna, como podemos observar no excerto (5).

(5) Assim quando eu *estudava* em num colégio ... aconteceu uma história bem engraçada (...). (F9\_1)

Em (5), é possível perceber que a forma destacada está marcada aspectualmente com valor imperfectivo, que se refere a uma situação que denota extensão temporal, ou seja, que faz referência à sua constituição temporal interna. Em outras palavras, o uso da forma *estudava* denota um processo que está se desenvolvendo, ou seja, não nos remete a uma situação pontual ou acabada, mas sim, de algo que se desenrola e que possui uma certa duratividade em sua constituição temporal interna.

O imperfectivo pode, então, ser resumido como o “fato referido com marca de sua constituição temporal interna, semanticamente restrito a lexemas que incluam o traço [+durativo]”. [1] Este apresenta as seguintes possibilidades: *i.* Imperfectivo em curso; *ii.* Imperfectivo de fase inicial; *iii.* Imperfectivo de fase intermediária; *iv.* Imperfectivo de fase final; e *vi.* Imperfectivo resultativo. Dentre as possibilidades elencadas acima, o estudo a que nos propomos nesta pesquisa enquadra-se no primeiro item, visto que o nosso objetivo é investigar os contextos e fatores que levam à variação entre as formas de pretérito imperfeito e perífrase na expressão do passado em curso. Na figura 2, apresentamos a classificação da oposição aspectual proposta por Comrie:

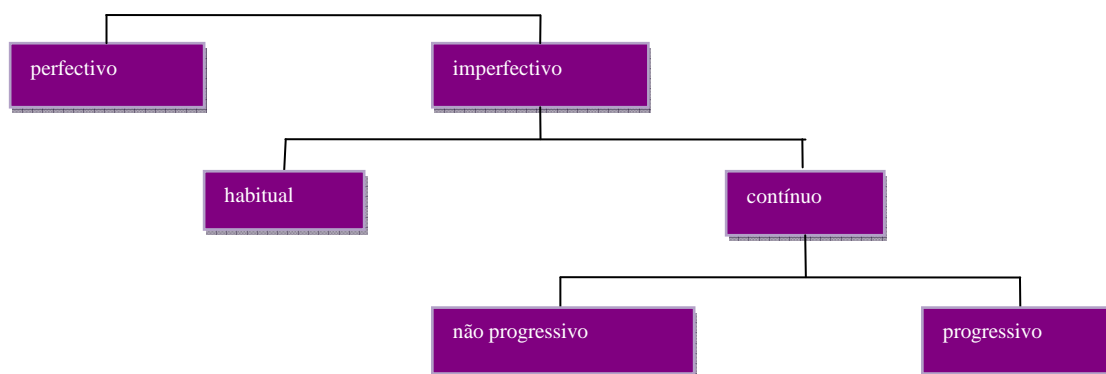


Figura 2: Classificação da oposição aspectual [2]

Nesta escala da oposição aspectual hierarquizada, o imperfectivo apresenta algumas ramificações. Vejamos:

- **Aspecto habitual:** recobre uma situação sistematicamente repetida em diferentes ocasiões, presente, passado, ou ambas. Este ainda pode se dividir em:

- **Aspecto iterativo:** codifica uma situação que é repetida em uma ocasião específica. Este tipo de aspecto tem restrições lexicais;

a) Aos sábado, Maria **visitava** a filha no convento.

- **Aspecto frequentativo:** abraça o sentido habitual, mas especifica a frequência da ação durante o período de tempo.

b) Maria **ligava** para a filha três vezes ao dia.

➤ **Aspecto contínuo:**

- **não-progressivo:** caracteriza-se por estar em andamento em relação ao ponto de referência, seja uma situação dinâmica ou estática.

c) Pedro **pensava** no resultado da prova de matemática.

- **progressivo:** codifica uma situação em andamento em relação ao ponto de referência em predicados dinâmicos.

d) Ontem, eu **estava lavando** a roupa quando passei mal.

Após vermos a orientação teórica desta investigação, na seção a seguir, apresentamos os procedimentos metodológicos utilizados para o desenvolvimento deste estudo.

#### 4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para o estudo a que nos propomos, coletamos dados de fala e escrita de informantes itabaianenses como *corpus* para a análise do fenômeno da expressão variável do passado imperfeito por IMP e PPROG. A coleta segue a metodologia da Sociolinguística Variacionista, com base no que tem sido feito pelo VARSUL (Variação Linguística Urbana na Região sul do Brasil) e pelo VALPB (Variação Linguística no Estado da Paraíba). O *corpus* ficou constituído por duas amostras, as quais estão vinculadas ao Grupo de Estudos Linguagem, Interação e Sociedade – GELINS: *Entrevistas Sociolinguísticas e Fala & Escrita*. A primeira ficou constituída por doze entrevistas e a segunda por dezesseis, totalizando vinte e oito entrevistas concernentes a referida comunidade.

A subseção a seguir refere-se à delimitação da variável e restrições de dados, em seguida, elencamos os fatores controlados na análise e, por fim, na subseção 4.3, apresentamos a natureza da análise e o tratamento estatístico dos dados.

##### 4.1 DELIMITAÇÃO DA VARIÁVEL E RESTRIÇÕES DE DADOS

Como salientamos ao longo deste texto, investigamos a variação entre as formas IMP e PPROG na expressão do passado em curso na fala e na escrita de Itabaiana/SE. Em outras palavras, analisamos os contextos que codificam passado em curso, o que significa dizer que partimos nesta análise da função para forma. Dentre as formas que expressam passado em curso, escolhemos as formas de IMP e PPROG por apresentarem um comportamento sistemático de variação conforme constatou Freitag [2] em sua análise. Dessa forma, temos duas variantes:

(6) Olhe até ontem ((RISOS)) eu **achava** que seria um curso... né? que... dá as condições de emprego... só que... quando a gente passa a se deparar... né? com um processo seletivo como tá tendo agora a gente vê a quantidade muito grande de pessoas formadas (...). (se ita fp sq 02)

(7) (...) então... várias coisas vem à nossa mente né? e a gente só vai tendo... vindo o resultado disso com o passar do tempo... e eu **tava até conversando** com um colega meu... que ele também **tava... ensinando** né? como professor contratado (...). (se ita fp sq 02)

Ao alternarmos as duas formas, em (6) e (7), o contexto de passado em curso deve permanecer com o mesmo valor semântico-discursivo. Vejamos outro exemplo:



- (8) Em um certo dia meu primo foi fazer uma entrega que o patrão mandou e nessa entrega ele foi atravessar a rua, assim que ele *estava atravessando* um caminhão *vinha* e bateu nele. (F1\_1)

Em (8), temos um trecho de uma narrativa recontada na modalidade de língua escrita; para desenvolvê-la o informante se valeu das formas IMP e PPROG, as quais estão destacadas, para expressar uma situação de passado em curso. Estas “formas podem ser intercambiáveis sem que haja mudança de valor de uso” [2], no caso do exemplo acima, tanto a ocorrência de PPROG *estava lavando* e a ocorrência de IMP *parava* podem ser intercambiáveis sem que haja alteração de sentido tratando-se, portanto de um indício de que essas formas estejam sofrendo um processo de variação, como podemos observar em (9).

- (9) Em um certo dia meu primo foi fazer uma entrega que o patrão mandou e nessa entrega ele foi atravessar a rua, assim que ele *atravessava* um caminhão *estava vindo* e bateu nele.

Diante de tais exemplos, percebermos que o fenômeno da variação pode ser controlado o que nos permite identificar quais contextos linguísticos favorecem o uso de uma ou de outra forma. Trata-se de uma função complexa que se refere a uma situação ocorrida no passado simultâneo a um ponto de referência que é anterior ao momento da fala, conforme demonstramos anteriormente. Para o desenvolvimento deste estudo, fez-se necessário estabelecermos algumas restrições para podermos analisar as ocorrências do fenômeno em estudo no *corpus* em análise.

No *corpus* em estudo, encontramos muitas ocorrências de passado imperfeito; no entanto, nem todas foram consideradas em nossa análise. Em estudos de análise variacionista, vamos encontrar “casos problemáticos e duvidosos quanto à inclusão ou não na variável” [2], o que é algo natural. A autora ainda salienta que “os critérios aspectuais definidos na delimitação da variável ‘expressão do passado imperfeito’ precisam se articular com critérios formais para filtrar com uma margem razoável de segurança os dados para a análise variacionista” [2]. Desta forma, foi necessário fazer algumas restrições quanto aos contextos de análise.

Desconsideramos na análise as ocorrências da forma IMP dos verbos *ser* e *estar*, devido à alta recorrência, merecendo as forma, assim, um estudo a parte. Além do mais, não foram encontrados no *corpus* a forma PPROG “estava estando” e “estava sendo” para que possamos analisar a alternância entre as formas simples e perifrástica (o que era pouco provável de acontecer, uma vez que se trata de formas, que ainda não fazem, de fato, parte da gramática da língua, portanto, seu uso ainda é pouco recorrente). Cabe aqui fazermos uma ressalva: no caso da forma PPROG “estava sendo” encontramos 3 ocorrências, no *corpus* Entrevistas Sociolinguísticas, na voz passiva e em uma mesma sequência discursiva que, no entanto, foram descartadas também da análise. Vejamos um contexto desse tipo de ocorrência:

- (10) (...) quando chegava lá tinha que obedecer os horários e logo retornava e tinha que fazer relatório das disciplinas experimentais e isso ficava um pouco enjoado nesse sentido e disciplina que não *estava sendo feita* aqui no campus (...). (se ita mp lq 05)

Os contextos de passado imperfeito em que tínhamos perífrases formadas por auxiliar diferente de *estar* no IMP e verbo no gerúndio também foram excluídos da análise. Excluímos também da análise apenas as ocorrências de verbo ter com valor semântico existencial. Em (11) e (12) temos um exemplo destes casos, respectivamente.

- (11) (...) aí eu fui caminhando... quando eu cheguei perto de Sítio Porto eu... eu vi uma sombra assim... andando perto de eu... quando eu *ia caminhando* mais em frente... eu parei e vi ele caminhando perto de eu aí eu (...). (M9\_2)
- (12) (...) ela me chamou aí eu fui aí quando minha mãe veio olha ela fingiu que não era que não *tinha* nada e é pronto pronto (...).

Além destes casos, excluimos da análise os contextos que apresentam ambiguidade de função pretérito imperfeito e futuro do pretérito, como podemos observar em (13):

- (13) (...) mas o professor assim o professor até questionou né? que *podia/poderia* alguns alunos ficar reclamando (...). (se ita fp lq 04)

Portanto, só foram codificadas as formas de IMP e estar (IMP) + Vndo – PPROG.

## 4.2. FATORES CONTROLADOS

Para investigarmos a variação na expressão do passado em curso na comunidade de Itabaiana/SE, as ocorrências de IMP e PPROG encontradas no *corpus* em análise foram correlacionadas a fatores sociais e linguísticos. Os fatores sociais controlados são: **i. Tipo de amostra** – Fala & Escrita e Entrevistas Sociolinguísticas; **ii. registro** – fala e escrita; **iii. Escolaridade** - 6<sup>a</sup> ano e 9<sup>a</sup> ano da Educação Básica; 1<sup>a</sup> ano e 3<sup>a</sup> ano do Ensino Médio e nível superior em curso ou completo; **iv. Sexo** – 14 homens e 14 mulheres. No caso dos fatores linguísticos, foram controlados 11 tipos de fatores de caráter formal, cognitivo e discursivo: *forma de codificação da função, forma de realização da referência, aspecto da referência, tipo semântico-cognitivo do verbo, tipo de sequência discursiva (tipo de texto), continuidade da situação, plano da narrativa, extensão da situação, traços aspectuais, subfunção semântica específica e traço de modalidade da função.*

Controlamos fatores sociais e linguísticos a fim de observarmos se as motivações para a variação da expressão do passado em curso são sociais ou linguísticas, ou, ainda, se é motivada por ambos os fatores. Todas as ocorrências do fenômeno em estudo foram coletadas e codificadas de acordo com as variáveis sociais e linguísticas elencadas acima, evidenciando que se trata de um trabalho criterioso para que possamos atingir o nosso objetivo e chegarmos aos resultados.

## 4.3. A NATUREZA DA ANÁLISE E O TRATAMENTO DOS DADOS

O nosso objetivo nesta análise constitui-se em investigar e descrever os fatores e os contextos que levam a variação entre estas duas formas para executar a mesma função. Para tanto, utilizamos dois tipos de análise: uma qualitativa e outra quantitativa. A primeira é caracterizada por contemplar as particularidades da descrição, ou seja, neste tipo de abordagem se observa os dados isoladamente em todas as suas particularidades. Já a segunda, caracteriza-se por ser uma abordagem na qual os resultados são obtidos e comentados a partir do somatório dos dados, resultante de procedimentos estatísticos.

Os dados coletados e codificados do *corpus* em estudo foram submetidos à análise estatística através do programa GoldVarb X [10], conforme apregoa a metodologia sociolinguística. Após a manipulação dos dados, procede-se à interpretação dos resultados percentuais obtidos através do programa, buscando subsídios nos pressupostos teóricos adotados, os quais foram apresentados na segunda seção deste texto. Os resultados obtidos através da análise estatística nos evidenciam quais fatores sociais e linguísticos são mais significativos para a recorrência do fenômeno em estudo. Na seção que se segue descrevemos e analisamos os resultados obtidos através do tratamento estatístico.

## 5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Analisamos e discutimos, nesta seção, os resultados obtidos, a partir do tratamento estatístico, do fenômeno da variação na expressão do passado em curso na fala e na escrita de Itabaiana/SE entre as duas variantes – IMP e PPROG. Nesta análise foram controlados quatro fatores sociais e onze fatores linguísticos, conforme elencamos na subseção 4.2. Através do tratamento estatístico dos dados obtemos os fatores estatisticamente relevantes, por ordem de significância estatística, o que nos permite verificar qual a influência de cada grupo de fatores

sobre a escolha das formas variantes destacadas para expressar a função em estudo. Os resultados estatísticos demonstram que os fatores sociais não são significativos para a análise da variação na expressão do passado em curso, ou seja, tais fatores não influenciam na variação entre IMP e PPROG. No caso dos fatores linguísticos, dos onze tipos controlados apenas quatro se mostraram estatisticamente significativos: *tipo semântico-cognitivo do verbo, subfunção semântica específica, forma de realização da referência e os traços aspectuais do verbo* (com exceção da duratividade). Dessa forma, concluímos, de antemão, que não são motivações externas que influenciam a variação entre as formas, mas sim motivações internas, ou melhor, de natureza semântico-cognitiva.

Na subseção a seguir, analisamos e discutimos os resultados obtidos para os fatores mais significativos mencionados anteriormente, além de contrapormos com os resultados obtidos por Freitag [2] em seu estudo. Assim como esta, também discutimos o que esses fatores “podem indiciar no processo de variação/mudança na expressão do passado imperfeito” [2], no nosso caso, especificamente, o passado em curso.

### 5.1. MOTIVAÇÕES NO PLANO LINGUÍSTICO

Nesta subseção, apresentamos e discutimos os resultados obtidos para os fatores linguísticos que se mostraram significativos para a variação entre IMP e PPROG na expressão do passado em curso, através do tratamento estatístico. Foram computados 637 contextos de ocorrência da função. Nas subseções que se seguem, primeiramente caracterizamos o fator controlado e, em seguida apresentamos os resultados e discussões.

#### 5.1.1. *Forma de realização da variante para expressão do passado em curso*

Dentre as formas de codificação da função descritas na subseção 4.2, unimos as formas de IMP e IMP + locativo como codificação da forma IMP e as demais como forma de codificação PPROG pelo fato do número de ocorrências não terem sido significativos para realizarmos uma análise individual. Os resultados estatísticos evidenciaram como valor de aplicação da análise a forma IMP com percentual de 85%. O gráfico 1 apresenta a distribuição das formas variantes.

Distribuição das ocorrências

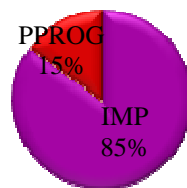


Gráfico 1: *Distribuição geral das formas de IMP e PPROG para a expressão do passado imperfeito em curso*

O gráfico 1 mostra que, das 637 ocorrências de passando imperfeito, a forma de IMP é mais frequente no *corpus* em análise com um percentual de 85%, em contraponto ao PPROG que apresenta um percentual de apenas 15%. Acreditamos que este resultado está intimamente relacionado ao princípio da marcação [6]. Dessa forma, os resultados evidenciam que a forma menos marcada – IMP – tende a ser mais recorrente que a forma PPROG, conseqüentemente, menos recorrente uma vez que esta última possui complexidade cognitiva e processual maior, demandando, portanto, mais esforço mental.

### 5.1.2. Tipo semântico cognitivo do verbo

Estudos [2] [8] têm evidenciado a importância do controle do tipo semântico do verbo. Dessa forma, o controle desse grupo de fatores é bastante relevante para o nosso estudo pelo fato de estarmos analisando, assim como estas, um fenômeno de variação no âmbito semântico-discursivo, no nosso caso, a variação entre IMP e PPROG na expressão do passado em curso. Expomos no quadro 3 a classificação adotada por Freitag [2] para o tipo semântico-cognitivo do verbo relativo à expressão do passado imperfeito.

É importante ressaltar que, em determinadas casos, os verbos expressam situações polissêmicas, ou seja, um mesmo verbo pode apresentar diferentes paradigmas semânticos. [2], [8]. Em nossa análise também consideramos as peculiaridades lexicais de cada verbo, como por exemplo, “eu *vinha* de Aracaju” e “eu *vinha* me sentindo mal há meses”. No primeiro caso, o tipo semântico do verbo é caracterizado como transição/processo e no segundo como existencial.

Quadro 1: Tipo semântico cognitivo do verbo [2]

Momentâneo	Atividades repentinas, instantâneas Saltar, chutar, bater, derrubar, quebrar (intencional)
Específico	Evoca uma imagem específica Escrever, beber, desenhar, correr
Difuso	Não evoca uma atividade específica Trabalhar, aprender, estudar
Instância	Posição corporal estática Deitar, sentar, reclinar
Estímulo mental	Sujeito da oração é o estímulo da experiência mental de outrem Impressionar, agradar, surpreender, assustar, espantar, lembrar (x lembrou y)
Transição/processo	Mudança de estado determinada pelo sujeito da oração Chegar, partir, parar
Verbal	Dicendi (introduz um discurso) Dizer, falar, perguntar, responder
Manipulativo	Sujeito da oração manipula paciente Mandar, fazer com que
Volicional	Sujeito da oração expressa emoção ou desejo Querer, desejar, sentir
Experimentação mental	Sujeito da oração é o experimentador mental Lembrar-se (x lembrou-se de telefonar), entender, pensar
Relacional	Expressa relações estabelecidas no processo humano de percepção da realidade: identidade, analogia, comparação Depender de, merecer, precisar, servir como, assemelhar-se, parecer, ser, ser como, torna-se
Existência	Ter, haver, existir

O tipo semântico cognitivo do verbo foi o primeiro fator linguístico selecionado na ordenação de significância na variação entre IMP e PPROG na expressão do passado em curso. O controle deste fator “pode evidenciar ainda mais a importância do traço aspectual [dinamismo] na variação entre IMP e PPROG” [2]. Apresentamos a tabela 1, a seguir com os resultados obtidos.

Tabela 1: Distribuição/ influência do tipo semântico-cognitivo do verbo em função do IMP

tipo de verbo	Aplíc./total	%	Peso relativo
---------------	--------------	---	---------------

<i>Específico</i>	34/47	72.3	0.28
<i>Difuso</i>	139/184	75.5	0.28
<i>Instância</i>	***	***	***
<i>Estímulo mental</i>	5/5	100	_____
<i>Transição/processo</i>	95/102	95	0.53
<i>Verbal</i>	23/32	71.9	0.14
<i>Manipulativo</i>	***	***	***
<i>Volicional</i>	107/109	98.2	0.86
<i>Experimentação mental</i>	43/45	95.6	0.72
<i>Relacional</i>	84/92	91.3	0.54
<i>Existência</i>	7/7	100	_____
<i>Momentâneo</i>	4/4	100	_____
<b>Total</b>	541/637	84.9	_____

Como se observa na tabela 1, o tipo semântico-cognitivo do verbo exerce influência significativa para o uso da forma IMP na expressão do passado em curso. Os resultados apontam que alguns tipos de verbos são mais salientes, como é caso dos tipos de estímulo mental, existência e momentâneo, que recobrem categoricamente a forma IMP na amostra sobanálise. Contrariamente, tais resultados não corroboram com os obtidos por Santos [11], em estudo diacrônico da expressão do passado imperfectivo, uma vez que em sua análise estes tipos de verbos (com exceção do momentâneo que apresentou um percentual de 79%) favoreceram o uso da forma PPROG.

Em seguida, os tipos de verbos que mais condicionam favoravelmente o uso do IMP para expressar passado em curso são o volicional com um percentual de 98,2% e peso relativo 0,86 e o de experimentação mental apresentando um percentual de 95,6% e peso relativo de 0.72. Os tipos de verbos relacional e transição/processo apresentam leve tendência à forma de IMP, apontada pelo peso relativo de 0,54 e 0,53, respectivamente. Neste caso, os resultados corroboram os obtidos por Santos [11] e, também por Carvalho [12], visto que estas constataram, em suas análises, o favorecimento destes tipos de verbos para o uso da variante IMP.

Os contextos caracterizados pela presença de verbos difusos (75,5% e PR de 0,28), específicos (72,3% e PR de 0,28) e verbais (71,9% e PR de 0,14) são os tipos de verbos que mais desfavorecem o uso da forma de IMP. Estes tipos verbais favorecem, dentre os tipos de verbos contralados, a recorrência da forma PPROG. Os tipos verbais instância e manipulativo não foram relevantes na variação entre IMP e PPROG na expressão do passado em curso, visto que não encontramos ocorrências destes no *corpus* em análise.

Em síntese, constatamos que o controle do tipo semântico-cognitivo do verbo se mostra bastante relevante na análise. Através deste foi possível constatar, nitidamente, assim como Freitag [2], que a recorrência IMP está fortemente relacionada a um tipo semântico-cognitivo que, neste caso, foi volicional (além das três ocorrências categóricas mencionadas).

### 5.1.3. Subfunção semântica específica

O controle da subfunção semântica específica, ou melhor, do valor específico da função no contexto é bastante relevante para o desenvolvimento desta análise. Isso se deve ao fato da noção aspectual ser um valor significativo para a expressão do passado em curso. Nesta análise, controlamos cinco tipos de aspecto – iterativo, progressivo, habitual, contínuo e ambíguo - logo abaixo exemplificamos cada um deles. Vejamos:

- (14) (...) com meus irmãos (hes) com... com o meu irmão mais velho... quando eu era criança... eu *sempre brigava* com ele... *brigava* uma... uma questão de murro sabe? (se ita mp lq 03)
- (15) Na 6ª série eu e Júnior toda vez que *voltavamos* pra casa *jogavamos* palito de picolé em um santo de porcelana. (M1\_1)
- (16) (...) e acho que a gente... que é estudante a gente já viu isso... dentro da nossa trajetória acadêmica aqueles professores que a gente gostou... aquele professor que deu aula e que a gente *via* que *dava* aula por prazer porque ele *gostava*... que geralmente era aquele professor com quem a gente *aprendia*... e a gente via aquele professor que ele sabia (...). (se ita fp sq 02)

Em (14), temos um exemplo de aspecto habitual, uma vez que a situação descrita “*eu sempre brigava com ele*” se repete várias vezes, brigar com o irmão é uma atividade que acontece sempre neste contexto. Já em (15), o aspecto iterativo está expresso por um fato que ocorre “*toda vez*” em um espaço de tempo delimitado “*Na 6ª série*” evidenciando a regularidade da em que a situação ocorre. “O aspecto iterativo se caracteriza por codificar uma situação que é repetida em uma ocasião específica” [2], que nos permite constatar a sua regularidade.

“Uma situação que manifesta aspecto contínuo, seja dinâmico ou estático, caracteriza-se por estar em andamento em relação ao ponto de referência” [2], como podemos observar em (16). Por exemplo, o fato de o professor gostar de dar aula é um fato que se repete continuamente sem interrupções.

- (17) (...) Em um certo dia meu primo foi fazer uma entrega que o patrão mandou e nessa entrega ele foi atravessar a rua, assim que ele *estava atravessando* um caminhão vinha e bateu nele. (...). (F1\_1)
- (18) (...) na escola Estadual João Salóncio... no qual os professores de Química não tinha vamos dizer... não *adotavam* metodologia de ensino as quais surtiram efeito ao- à aprendizagem do aluno (...). (se ita mp lq 08)

Os exemplos (17) e (18) expressam aspectos progressivo e ambíguo, respectivamente. O primeiro é caracterizado por codificar “uma situação em andamento em relação ao ponto de referência em predicados dinâmicos” [2]. Observe-se que *estava atravessando* expressa uma situação que está em andamento em relação o ponto de referência, ou seja, não temos o todo da situação, diferentemente de que se tivéssemos a forma de pretérito perfeito atravessou. Dizemos que uma situação apresenta aspecto ambíguo quando não conseguimos identificar precisamente o tipo de aspecto. Dito de outra forma, quando a situação apresenta duas ou mais leituras aspectuais possíveis, como ocorre em (18), em que podemos ter uma leitura habitual se considerarmos que eles sempre adotavam este tipo de metodologia e uma contínua.

Temos como hipótese inicial [2] que os aspectos iterativo e habitual condicionam o uso da forma IMP e o que aspecto progressivo condiciona o uso da forma de PPROG. O controle deste fator nos permite identificar qual o valor específico da função no contexto. Dentre os fatores controlados este foi o segundo mais significativo após a análise estatística. Vejamos os resultados presentes na tabela 2.

Tabela 2: A influência da subfunção semântica em função de IMP

Aspecto	Aplic/total	%	Peso relativo
<i>Progressivo</i>	86/124	69.4	0.37
<i>Contínuo</i>	265/311	85.2	0.34
<i>Iterativo</i>	32/33	97	0.88
<i>Habitual</i>	147/156	94.2	0.79
<i>Ambíguo</i>	11/13	84.9	0.40
<i>Total</i>	541/637	84.6	—

Pelo exposto na tabela 2, vemos que dentre os valores aspectuais controlados o iterativo é o que está mais fortemente correlacionado com a forma IMP. O aspecto iterativo associa-se a forma de IMP com um peso relativo de 0,88 e um percentual de 97%. Consta-se, também, que o aspecto habitual favorece o uso da variante de aplicação, apresentando um percentual de 94,2% e peso relativo de 0,79. Este resultado confirma a nossa hipótese inicial e corrobora com os obtidos por Freitag [2], evidenciando, assim, que a recorrência da variante de aplicação está relacionada principalmente à expressão destes dois aspectos.

Quanto aos demais tipos de aspectos controlados, apesar de apresentarem percentagens consideráveis, apresentam pesos relativos que evidenciam a baixa influência exercida para a recorrência da forma IMP, uma vez que os pesos relativos estão abaixo de 0,50. Além disso, é importante ressaltar que dentre os tipos de aspectos controlados o contínuo e o progressivo são os que mais favorecem o uso da variante PPROG apresentando um peso relativo de 0,66 e 0,63, respectivamente.

#### 5.1.4. *Forma de realização da referência*

Através do controle da forma de realização da referência podemos verificar se há algum tipo de associação entre o tipo de ponto de referência e as formas controladas – IMP e PPROG – na expressão do passado em curso. Ou seja, tal controle nos permite estabelecer relações entre tipos e formas e, conseqüentemente constatar quais motivações linguísticas contribuí para a variação das formas controladas.

Alguns estudos já demonstraram que o controle desse tipo de fator tem se mostrado significativo [2] [15]. “A necessidade de um ponto de referência anterior ao momento de fala e que estabeleça relação de sobreposição com a situação é uma das características definidoras do passado imperfeito no português”. [2] Para esta análise, foram selecionadas cinco formas de realização da referência, as quais apresentamos a seguir. Observem-se estes dois exemplos.

(19) *Um dia eu estava em casa dormindo no sofá quando eu escuto um papoco mais não liguei e fiquei na minha, enquanto isso os ladrões entraram dentro da lan house correndo para os fundos e pulando o muro da minha casa (...).* (M9\_1)

(20) (...) *quando eu entrei no pibid eu ficava com medo de não conseguir desenvolver o que o pibid realmente queria né? (...).* (se ita mp lq 03)

Em (19), temos como ponto de referência para a situação “*estava em casa dormindo no sofá*” o adjunto adverbial “*Um dia*” o qual situa a narrativa no tempo. Dentre as formas de realização da referência a mais fácil de ser identificado é a constituída por um adjunto adverbial. Já em (20), a oração adverbial “*quando eu entrei no pibid*” funciona como ponto de referência para a situação “*eu ficava com medo*”. Além destes dois tipos de referência, controlamos mais três, vejamos um exemplo de cada:

(21) (...) *eu comecei a ficar com raiva porque eu sabia que elas tinham escondido o meu caderno (...).* (F9\_2)

(22) (...) *ele conseguiu tirar todo mundo o rapaz que tava dirigindo saiu sozinho... até que depois chegou o carro de bombeiro (...).* (F3\_2)

(23) *Eu jogava handebol só que eu parei por um tempo.* (F9\_2)

A oração coordenada destacada em (21) funciona como ponto de referência para a oração “*eu sabia que elas tinham escondido o meu caderno*”; portanto, neste exemplo, temos uma oração coordenada como forma de realização da referência. Em (22), a forma “*tava dirigindo*” toma como ponto de referência a forma de pretérito perfeito “*conseguiu*” em oração

subordinada. No caso do exemplo destacado em (23), percebe-se que o ponto de referência para a forma IMP “*jogava*” não está marcado textualmente. A este tipo de ocorrência classificamos a referência como compartilhada.

Seguindo a ordem de significância estabelecida pelo programa estatístico, a forma de realização da referência foi arrolado como terceiro fator mais relevante para a recorrência da variante IMP. Na tabela 3, estão dispostos os resultados.

Tabela 3: Tipo de referência da situação em função de IMP

<i>Tipo de referência</i>	<i>Aplic/total</i>	<i>%</i>	<i>Peso relativo</i>
<i>Adjunto adverbial</i>	216/262	82.4	0.39
<i>Referência compartilhada</i>	103/124	83.1	00.46
<i>Oração adverbial</i>	78/90	86.7	0.54
<i>Cadeia referencial oracional coordenada</i>	115/121	95.0	0.77
<i>Cadeia referencial oracional subordinada</i>	29/40	72.5	0.34
<i>Total</i>	541/637	84.9	—

Observando os resultados da tabela, percebe-se que a forma de realização da referência que mais favorece a recorrência de IMP na amostra em análise é a cadeia referencial oracional coordenada com um percentual de 95% e peso relativo de 0,77. Em seguida, tem-se a oração adverbial apresentando um percentual de 86,7% e peso relativo um pouco acima do ponto de neutralidade (0,54), evidenciando leve tendência para a recorrência da variante de aplicação. Os resultados apontam que os demais tipos de referência favorecem o uso da forma PPROG, principalmente, em contexto de PP em cadeia referencial oracional subordinada, apresentando peso relativo de 0,66. Tais resultados corroboram os obtidos por Freitag [2].

#### 5.1.5. Traços aspectuais específicos do verbo

Há três propriedades interrelacionadas na expressão de traços aspectuais específicos do verbo, ou seja, de aspectos inerentes aos verbos [2], referem-se ao tipo de situação propriamente dita: duratividade, dinamicidade e homogeneidade. Antes de conceituarmos cada um observe os seguintes trechos do *corpus* em análise:

- (24) Um certo dia eu *estava no colégio brincando* com meu colega foi quando eu dei um murro nele aí ele correu atrás de mim pra mim pegar. (F9\_1)
- (25) Um dia eu estava em casa... é dormindo no sofá... assistindo o programa... quando vejo eu escuto uns <<papocos>> só que eu *pensava* que era alguma coisa na vizinhança (...). (M9\_1)
- (26) (...) aí eu com com muito medo... fui fechar a porta só que eu estava muito nervoso... não tava conseguindo fechar a porta pois tinha um pano em cima aí eu não *estava conseguindo* fechar a porta e eu também não *alcançava* (...). (M9\_1)

Nos trechos (24)-(26) podemos perceber os traços inerentes do verbo. Em (24), o verbo *brincar* é um predicado de atividade, ou seja, “expressa o desenvolvimento de uma situação homogênea e contínua” [2]. Neste caso, temos uma situação que apresenta o traço + *homogênea* uma vez que a situação expressa por “estava no colégio brincando” não muda de natureza durante o seu desenvolvimento o mesmo vale para a situação expressa pelo verbo *pensar*, em



(25). Já o verbo *conseguir e alcançar* apresentam o traço - *homogêneo* porque “expressam ações que tendem a um ponto culminante” para que a situação ocorra de fato. Nas palavras Freitag [2], “a propriedade da homogeneidade refere-se à ausência de um limite interno inerente em uma dada situação”, ou ainda “a situação homogênea é aquela que não muda de natureza”.

Em relação ao traço de duratividade, este se refere à duração expressa pelo verbo na situação. Por exemplo, o verbo *brincar* nos remete ao fato de é necessário um tempo ‘x’ para que a pessoa possa *brincar* visto que não se trata de uma situação instantânea, apresentando assim o traço + *durativo*. No caso dos verbos *alcançar e conseguir*, poderíamos afirmar que estes apresentam o traço - *durativo* uma vez que se trata de uma situação instantânea já que ambos expressam situações que tendem atingir um ponto ‘x’ que neste contexto é conseguir tirar o pano da porta e fechá-la. No entanto, , por mais breve que seja uma situação, apresenta uma certa duração [2].

“A dinamicidade é uma propriedade caracterizada a partir da observação dos estados” [2]. Para que uma situação seja considerada dinâmica é necessário que haja movimento, incremento de energia e vitalidade como acontece nas situações descritas em (24) e em (26), portanto apresentam o traço + *dinâmico*. Em contraponto a estas situações, a ocorrência de imperfeito em (25) possui o traço - *dinâmico* uma vez que se trata de um predicado de estado, ou seja, a situação descrita não é relativa ao movimento, mas sim ao estado.

O grupo de fatores de traços aspectuais específicos do verbo se mostrou relevante na análise. Os traços controlados foram: duratividade (+/- *durativo*), dinamicidade (+/- *dinâmico*) e homogeneidade (+/- *homogêneo*). No entanto, a análise estatística evidenciou apenas os traços de dinamicidade e homogeneidade como significativos, não só para observarmos no total das ocorrências qual é mais recorrente (se mais ou menos, por exemplo, *dinâmico*), mas como também para a aplicação da forma IMP. O traço de duratividade não se apresentou como significativo na análise visto que, dos 637 contextos analisados, 623 (98% das ocorrências) apresentam o traço + *durativo*, fato justificável por se tratar de um traço aspectual característico da expressão do passado imperfeito.

No que concerne ao traço aspectual dinamismo, este foi o quarto fator significativo estatisticamente em nossa análise. No geral, as situações - *dinâmicas* se sobressaíram, em contraponto às + *dinâmicas*, com um percentual de 59% do total de contextos analisados. Na tabela 4, expomos os resultados em função do valor de aplicação.

Tabela 4: Influência do valor aspectual dinamicidade sobre o uso do IMP

	<i>Aplic/total</i>	<i>%</i>	<i>Peso relativo</i>
+ <i>dinâmico</i>	204/264	77.3	0.37
- <i>dinâmico</i>	337/373	90.3	0.59
<i>Total</i>	541/637	84.9	_____

A partir da leitura da tabela 4, constata-se que o traço aspectual + *dinâmico* apresenta um percentual de 77,3% e peso relativo de 0,37; já para o traço - *dinâmico* teve-se um percentual de 90,3% e peso relativo de 0,59. Os resultados evidenciam que o que o traço - *dinâmico* favorece a recorrência da forma de IMP, visto que se obteve peso relativo superior a 0,50 e o traço + *dinâmico*, por sua vez, favorece a recorrência de PPROG.

Tabela 5: Influência do valor aspectual homogeneidade sobre o uso do IMP

	<i>Aplic/total</i>	<i>%</i>	<i>Peso relativo</i>
+ <i>homogêneo</i>	483/569	84.9	0.47
- <i>homogêneo</i>	58/68	85.3	0.71
<i>Total</i>	541/637	84.9	_____

A tabela 5 apresenta os resultados obtidos com o controle do valor aspectual homogeneidade sobre o uso do IMP. Este foi o quinto fator selecionado como o mais significativo pelo

programa estatístico. Os resultados demonstram que, do total de ocorrências que apresentam o traço + *homogêneo*, 84,9% e peso relativo de 0,47 referem-se aos casos de IMP. No que diz respeito ao traço – *homogêneo*, este se associa à forma IMP, com percentual de 85,3% e peso relativo de 0,71. Diante destes resultados, conclui-se que o IMP é fortemente influenciado pelo traço aspectual – *homogêneo* na amostra sobanálise, em detrimento do PPROG, que é influenciado pelo traço + *homogêneo*.

## 5.2. CORRELAÇÃO ENTRE FORMAS E CONTEXTOS DE USO: TENDÊNCIAS DE USO DE IMP E PPROG NA EXPRESSÃO DO PASSADO EM CURSO

Os resultados apresentados anteriormente permitem delinear quais são as motivações linguísticas significativas para o uso das formas IMP e PPROG na expressão do passado em curso, o que nos permite identificar os contextos de emprego preferenciais de cada uma das formas para expressar a função em estudo. O quadro 4 sumariza as tendências das variantes em estudo para a expressão do passado em curso na fala e na escrita de Itabaiana/SE.

Em síntese, a ocorrência da forma de IMP no *corpus* em análise está correlacionada a verbos que possuem menor dinamicidade, apesar dos dados terem apontado uma leve tendência de IMP em função do tipo de verbo transição/processo.

Quadro 2: Tendências de uso de IMP e PPROG na expressão do passado em curso

Grupo de fatores	IMP	PPROG
Tipo de verbo	<i>Volicional</i>	<i>Específico</i>
	<i>Experimentação mental</i>	<i>Difuso</i>
	<i>Transição/processo</i>	<i>Verbal</i>
	<i>Relacional</i>	
	<i>Estímulo mental</i>	
	<i>Existência</i>	
	<i>Momentâneo</i>	
Tipo de aspecto	<i>Iterativo</i>	<i>Progressivo</i>
	<i>Habitual</i>	<i>Contínuo</i>
		<i>Ambíguo</i>
Tipo de referência	<i>Oração adverbial</i>	<i>Adjunto adverbial</i>
	<i>Cadeia referencial oracional coordenada</i>	<i>Referência compartilhada</i>
		<i>Cadeia referencial oracional subordinada</i>
Traço aspectual	<i>- dinâmico</i>	<i>+ dinâmico</i>
	<i>- homogêneo</i>	<i>+ homogêneo</i>

Com base nos resultados obtidos e na tendência de uso das formas nos contextos descritos no quadro 4, podemos concluir que as formas IMP e PPROG funcionam como variantes de uma mesma variável, possuindo contextos específicos para que haja variação. “As formas IMP e PPROG passam por processo de gramaticalização, cada qual em uma trajetória de mudança específica” [2]. Dessa forma, os resultados obtidos nesta pesquisa evidenciam que a variação entre as formas IMP e PPROG na expressão do passado em curso na fala e na escrita de Itabaiana/SE apresentam indícios de gramaticalização de contextos de uso.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados obtidos com esta investigação evidenciam que a variação entre IMP e PPROG na expressão do passado em curso na modalidade de língua falada e escrita de Itabaiana/SE tem contextos linguísticos específicos. Nesta análise foram controlados fatores sociais e linguísticos, no entanto, os resultados estatísticos demonstram que os fatores sociais não são significativos para a análise da variação na expressão do passado em curso, ou seja, tais fatores não influenciam na variação entre as formas referidas.

No caso dos fatores linguísticos, dos onze tipos controlados, apenas quatro se mostraram significativos. Os resultados alcançados nesta pesquisa corroboram com os obtidos por Freitag [2] no que se refere aos fatores linguísticos: *tipo semântico-cognitivo do verbo, subfunção semântica específica, forma de realização da referência e os traços aspectuais do verbo (com exceção da duratividade)*. Em síntese, os resultados apontam, principalmente, que a forma IMP está relacionada ao valor aspectual habitual e iterativo, predicados [- dinâmicos], traço aspectual; e a forma PPROG está relacionada ao valor aspectual progressivo, predicados [+ dinâmicos]. Dessa forma, concluímos que não são motivações externas que influenciam a variação entre as formas, mais sim motivações internas, ou melhor, de natureza semântico-cognitiva, que são estáveis nas diferentes comunidades de fala.

Outro fato importante que constatamos nesta pesquisa é que o tipo de registro – falado ou escrito – não influencia o funcionamento do passado imperfectivo, como poderia se esperar. Além do mais, verificou-se a grande recorrência de uso da forma IMP em detrimento da forma PPROG. É importante mencionar que tivemos algumas dificuldades para desenvolver tanto para encontrar informantes que estivessem dispostos e, que se encaixassem no perfil requerido, a realizar a entrevista, como também, para entendermos as noções que envolvem o fenômeno linguístico em estudo em estudo uma vez que este apresenta um alto nível de complexidade por envolver valores internos, ou seja, envolve noções semântico-cognitivas.

Cabe ressaltar a importância da presente pesquisa para a descrição do português falado no agreste sergipano, visto que se trata de uma pesquisa inédita neste âmbito na região. Além disso, os resultados obtidos com esta pesquisa contribuem para o ensino de língua portuguesa, fornecendo subsídios acerca do funcionamento do passado imperfectivo para as gramáticas e livros didáticos [2].

- 
1. CORÔA, M. L. *O tempo dos verbos do português: uma introdução à sua interpretação semântica*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
  2. FREITAG, R. M. K. *A expressão do passado imperfectivo no português: variação/gramaticalização e mudança*. 2007. Tese (Doutorado em Linguística). Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.
  3. LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
  4. WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. São Paulo: Parábola, 2006.
  5. TARALLO, F. *A pesquisa sociolinguística*. São Paulo: Ática, 2007.
  6. GIVÓN, T. *Functionalism and grammar*. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins Publishing, 1995.
  7. MARTELOTTA, M. E; VOTRE, S. J.; CEZARIO, M. M. *Gramaticalização no português do Brasil uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: Departamento de Linguística e Filologia UFRJ, 1996.
  8. TAVARES, M. A. *A gramaticalização de E, AÍ, DAÍ, e ENTÃO: estratificação/variação e mudança no domínio funcional da sequencição retroativo-propulsora de informações – um estudo sociofuncionalista*. Tese (Doutorado em Linguística) Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina, 2003.
  9. PINKER, S. *Do que é feito o pensamento: a língua como janela para a natureza humana*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
  10. SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S.; SMITH, E.. *Goldvarb X: A variable rule application for Macintosh and Windows*. Department of Linguistics of University of Toronto, Department of Mathematics - University of Ottawa, 2005.

11. SANTOS, A. M.; FREITAG, R. M. K. A expressão do passado imperfeito na obra de Fernão Lopes: uma análise diacrônica. *Scientia Plena*. São Cristovão, V. 1, n. 7, p. 171-191, 2009.
  12. CARVALHO, E. S. S. *Diacronia, variação e gramaticalização: a expressão do passado imperfeito na obra de Duarte Galvão*. 2008. Iniciação Científica. (Graduando em Letras) - Universidade Federal de Sergipe. Orientador: Raquel Meister Ko Freitag.
-